

revista

Gente

de

PALAVRA

n° 23



Legendare



poesia
precisa
precisão

Adélia Einsfeldt Adriano Nunes André Camargo André Luís Soares Angela Fonseca Antonio Cabral Ayalla de Aguiar Bruno Borin Bruno Rocha dos Santos Carlos Leser Carlos Saldanha Legendre Carmen Silvia Presotto Chrisellen Vieira Cláudio Feldman Cleonice Bourscheid Cristiana Moura Edweine Loureiro Elsa Camargo Evandro Alves Maciel Felipe Magnus Fernanda Melvee Francisco Castro Ismael Calvi Silveira Jeanine Will Joaquim Moncks Jorge Colleta Serafim Jorge Ventura Juliana Meira Léis Seitenfus Luiz Otávio Oliani Magaiver Wellington Mah Fiori Maria da Glória Jesus de Oliveira Matusalém Dias de Moura Neli Germano Nijair Araújo Pinto Noely Renato de Mattos Motta Ricardo Alfaya Ricardo Mainieri Roberto Dutra Jr. Rodolfo Tokimatsu Rubia Proença Sheila de Sousa Ferreira Valmir Jordão Wander Porto

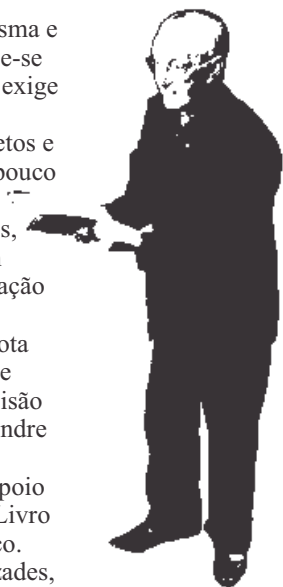
Carlos Saldanha Legendre

Se tem um poeta que Carlos Saldanha Legendre me lembra é João Cabral de Mello Neto. E não poderiam ser mais diferentes. Cabral é o poeta do árido, do seco, do sol inclemente, da pedra e dos grandes temas. Legendre não, é poeta do sensível, da vida, que descobre grandiosidade no pequeno, capaz de adivinhar astros em uma lesma. Mas ambos têm um texto econômico, um uso matemático das palavras. Por isso é difícil falar de um sem falar de outro.

Cada obra nasce de um planejamento detalhado, cada poema se insere no plano construindo a obra, cada palavra é um tijolo cujo peso e resistência (ritmo, sonoridade) é calculado em detalhe para a edificação e a beleza do todo. Na obra de Legendre – como na de Cabral – o olhar analítico só faz reforçar a beleza de uma arquitetura que explora cada textura do texto.

Lendo em ordem seus quatro livros – Canto ao mar de Piriápolis, Inventário do canto, Elegia à lesma e Sol, o poema nascente – percebe-se o crescimento de um poeta que exige o máximo de si, que se desafia constantemente através de projetos e não aceita soluções fáceis, tampouco um falacioso rebuscamento estilístico. Legendre soa simples, mas sua simplicidade é a de um mestre que jamais cai na ostentação de seus dons nem na pobreza daqueles cuja simplicidade denota falta de recursos. A simplicidade aqui é aquela que nasce da precisão absoluta. Carlos Saldanha Legendre é Gente de Palavra.

Mais uma vez agradecemos o apoio do IEL – Instituto Estadual do Livro – nosso parceiro desde o começo. Sem uma rede de apoios e amizades, fazer cultura é praticamente impossível.



Manhãs de além-túnel

I

um túnel um túnel um túnel sem fim
ao fim do túnel sem fim um tonel
um tonel de mel de Além-Túnel

um tonel de toneladas de mel
do mel de um dia melado de luz sem
fim

que compus para ti
para mim

II

te possuí aqui acolá
em tantos sítios
cantados semprecantados

— mas nunca

te possuí ao fim de um túnel
nunca te possuí ao fim
nunca te possuí
nunca

mas quanto te desejei
vãs manhãs, já não sei

Fuga



aviões nos fazem pássaros
no pouso
navios nos fazem pedras
no porto

as viagens e os sonhos
nos tornam

outros.

*Adriano Nunes,
em "Laringes de Grafite", Vidrâguas – 2012.*

O convite

Te esperei no camarim.
Te procurei na plateia.
Não tinha ideia
de como reagir à tua ausência.

Imaginei desertos.

Ensimesmado,
baixinho cantei João Gilberto.
Larguei a flor
e em mim cismado,
insisti em sussurrar
a lupicinia dor.

Depois do show tive a certeza
de que desperdicei contigo
o convite
para ser o meu
verdadeiro amor.

Carlos Leser



...Quando fizer um poema

desfiar pedras
alimentar tigres
ordenhar deles
o medo
e constelar
ar
a
ar
o frêmito febril
em alumbramento.

Roberto Dutra Jr.

Destino

A cegonha chegou perto
atirou-me em um repolho
que cuspiu longe!
Quem me achou levou
grande susto!
Atirou-me no rio
a água revoltou-se!
Não quis nem saber!
Lançou-me nas pedras,
afundou-me no lodo!
Cresci sem respirar
no emaranhado do destino
surpreendente e belo
que ensinou-me nadar
contra a correnteza
e em poesia
construir fortalezas.

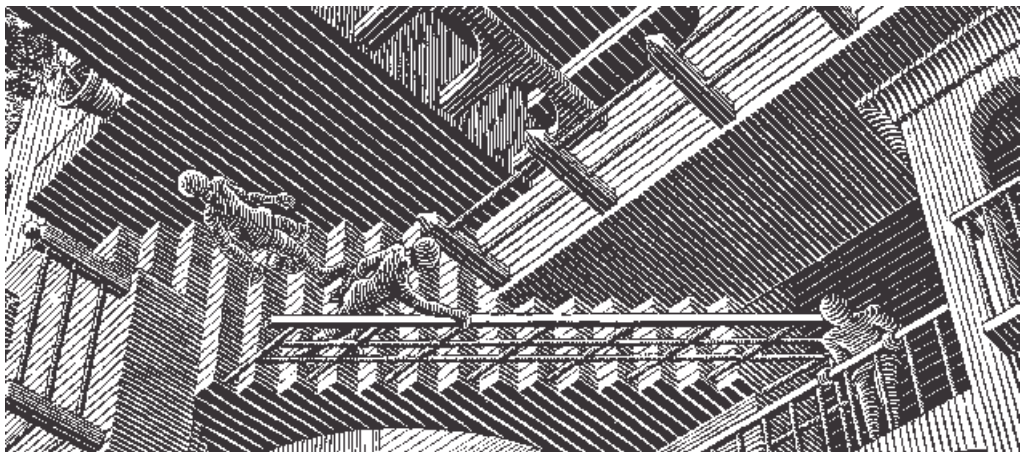
Léris Seitenfus



Os andares

Quero estar a andares abaixo onde as pessoas só tenham os olhos dos andares acima, que sejam de superfície esses olhares, mas desejo andar nesta superfície. Não quero sucumbir lá embaixo, lá só desejo estar, não a andar. Quero repousar nos esconderijos dos andares abaixo, mas que me vejam com olhares dos andares acima, os de superfície. Desejo olhares de superficialidade, mas quero estar na profundidade dos andares abaixo. Peço que não desçam olhares quaisquer às profundezas de mim. Olhem-me de frente, vejam apenas a minha superfície quando eu caminhar nos andares acima ou repousar nos andares abaixo. Longe de mim estejam olhares obtusos, agudos e esguios, neles há o obumbrar, eles nos roubam sentimentos profundos. Pertença, porque assim me sinto, à profundidade desses andares, deles me tornei a matéria, a eles me sedimentei, mas sempre desejarei andar entre os que estão nos andares acima. Que me sejam leves os olhos d'superfície.

Jorge Colleta Serafim



A queda

Tropecei, caí na rua
Ao tentar pegar com
As mãos, a lua.

Valmir Jordão

Desassossego

Resolvi ouvir um soul, para conversar com minh' alma.
Tinha decidido conter-me.

Calei-me!

Parei.

Reclusa em minha escuridão. Lá eu estava.

Rejeitei meus absurdos.

Fechei-me ainda mais em meu tempo,
em meu templo.

A ciência, Deusa dos duvidosos, viu-se impotente,
cruzou os braços crendo que nada pudesse ser feito.

Um de seus representantes ordenou-me: –Reze!

Ironia desistência da sábia das sábias!?

Lado a lado, dor e tempo se fizeram presentes.

Estática assistia, eu.

Clarões, relampejo e sopros intensos.

Tudo era ermo, um desencontro das minhas multidões. Solidão.

Fechou o tempo. Era um sinal;

ruidosamente a tempestuosa chuva veio de mim e sobre mim,
mostrou-me o que já deveria ter sido feito.

Alma lavada ou recomeço do meu desassossego?

Sheila de Sousa Ferreira



Mortuário

Nem sempre é fácil reconhecer um cadáver.
O morto pode estar em toda parte,
sorrir com sua carranca de lápide.
Alguns defuntos fedem, mas nem todos.
Encontram-se mortos incrivelmente perfumados
e muitos se cobrem de flores.
Há os que viram pedra no caminho,
sentados em bancos de praças e praias.
Existem os que dançam, mas são raros.
Normalmente, vagueiam sós,
quase que totalmente invisíveis.
Um morto ignora o que fazer com o próprio corpo,
o mais inquietante problema de sua condição.

Ricardo Alfaya



Teoria do pássaro

o pássaro
ignora poleiros
bate asas

o homem
cria gaiolas
adormece sem piar

Luiz Otávio Ollani

In: *Fora de órbita*, RJ, Editora da Palavra, 2007.



Liberta

Deixava-se molhar por sob a chuva,
abria os braços e recebia as águas,
liberta que se achava das amarras,
indo e vindo, onde e quando bem queria...
alegre e louca, influenciada pela lua,
leve e solta assim... lavava a alma.

Mas poucos entendiam o que sentia
ao vê-la bailando linda pelas ruas,
rindo-se do que lhes parecia nada,
cantando e dançando na calçada,
amando a sensação nova que vivia.

André Luís Soares



Livros

Se estou entediado,
leio o irônico Machado.

Ou navego pelos mares
do lirismo de Amado.

Posso visitar a Hatoum
e seus órfãos do Eldorado.

Ou encontrar, num *quarup*,
a um mestre sábio e *callado*.

Não me importa se vivo
um sonho emprestado

Ou se o prazer da leitura
possui um tempo limitado.

O que vale é que nos livros
eu me sinto realizado.

Edweine Loureiro



há amor em meu rosto
no adorno do horizonte
na voz do vento
nas marés de além-mar
no céu azul de um olhar

há amor
no segredo do gesto
na poesia quieta que afaga
no leque de prédios de Lisboa
no alheio dos mosteiros

há amor em meu rosto
ao pronunciar um nome
a desnudar-me no poema
ao saber que cabemos
nos nossos sonhos

Neli Germano



Ao mar

O mar invadiu a casa
Derrubou a porta
Atravessou a janela
Inundou os quartos
A sala

O porão vazio
O mar afogou retratos
Manchou paredes
Calou os descontentes
Instalou-se dominante
Trouxe pedra, onda
E peixinhos
Atraiu gaivotas
Sereias

E toda sorte de seres marinhos
Misturou-se
Em toda molécula de vida
E temperou a língua
Mergulhada na saliva
Iguaria
Submergida
Neste mar de amar transbordante
Corpo e líquido oceânico.

Cristiana Moura

Ruiva Bendita

Ah ruiva maldita que minha vida inunda,
se eu fosse Bukowski, você nem me acredita,
te dava eu também um chute bem na bunda
e me evadia desde logo desta dor infinita.

Porque inventaste de ser sagaz, profunda,
de vivenciar mais que vida inteira em dias?
Eu deveria, deveras, ter te chutado a bunda
mas era sorver demais vida, só o que querias.

E eu que nem sabia
que o maluco do tempo isto nos permitiria.
E agora tenho me sentido triste e não deveria.

Esquisita esta melancolia
que visita-me agora, qualquer hora e dia,
e me machuca ainda, se já não te queria.

Francisco Castro



Os Sinos (Igreja das

Sinos das dores
dos detratores
praguejadores
de meus temores
Sinos das dores
dos enforcados
injustiçados
de maus humores
Sinos das dores
dos condenados
escravizados
por seus horrores
Sinos das dores
dos beija-flores
dos roedores
dos bem-te-vis
dos colibris
Sinos das dores
de meus temores
de meus humores
de vaticínios
de morticínios
Sina das dores
dos pecadores
praguejadores.
Dos redentores.

Ayalla de Aguiar



Solte a pipa, menino

Solte a pipa, menino
Deixe-a subir pelo mais alto do céu
E no mover de seus braços franzinos
Que o voo dela também seja o seu

Se nunca lhe falta linha na latinha
No café da manhã quase sempre falta o pão
Mas a pipa não sobe sozinha
Pois a direção do voo está em suas mãos

Quando já entardecer
E de ti o sol partir
Do alto da laje tens que descer
Ainda que nem tenhas cama onde dormir

Que seus sonhos sejam embalados
Na inocência de sua criança
E no novo dia anunciado
Que a luz do sol traga esperança

De uma liberdade que não seja clandestina
Pelo horizonte limitado da favela
Mas que seus olhos se percam de vista
Quando soltares, menino, na laje, a pipa

Bruno Rocha dos Santos

Cese al fuego

A mi país en guerra constante, sus campesinos e indígenas que pierden sus tierras y a mí que en ocasiones como esta siento que ya lo he perdido todo.

Ya baja el arma
que aunque esté de pie
tengo una bala atravesada en el pecho,
Ya baja el arma
que a mi alrededor no hay más que desierto,
Ya baja el arma
que mis piernas responden
y ya no tengo a dónde ir,
Ya baja el arma
que aunque todavía pueda ver
mi mirada se pierde en el horizonte,
Ya baja el arma
que tengo fuerza,
pero tú has robado mi dios,
Ya baja el arma que hoy no hay tregua,
Hoy, tú has ganado,
Ya baja el arma que no he muerto,
sólo tú me has matado.

Elsa Camargo
19 de marzo de 2011



Inventário de Nada

O contador conta,
Anota, soma
E eis o resultado:
Um estoque de nada...
Capitalismo é capitalizar
E como capitalizar-se
Com nada?...
Mas a concorrência não perdoa,
Cai de pau no despossuído
E obriga-o a concorrer:
–Pode me dá uma moeda,
Uma moedinha qualquer,
Aquela que não dá pra nada?...
E finda na pista
Com as mãos cheias de nada.

Antonio Cabral

Maremoto

Não deixei meu barco à deriva por acaso.
Quando veio a tempestade e me derrubou
O leme escorregou das minhas frágeis mãos
E o mastro batendo minha visão nublou.

Se já não fossem tão inseguros meus tentáculos
Se os calos já não tivessem minhas mãos endurecido
Se minhas pernas aguentassem o estirão
Nada disto, sei, teria acontecido.

Agora, vou vagando sem ter rota
Sem ter o sol para orientar meu caminho,
Sem sequer ter esperança de um porto
Para adentrar novamente em terra firme.

Não resta ao menos minha fé
Já nem sei se sou humana, uma mulher
Que viu a tempestade apagar
A vida que seguia seu caminho.

Maria da Glória Jesus de Oliveira

Anotações dos Cadernos Estéreatéticos do Sr. B.:

núm. 01

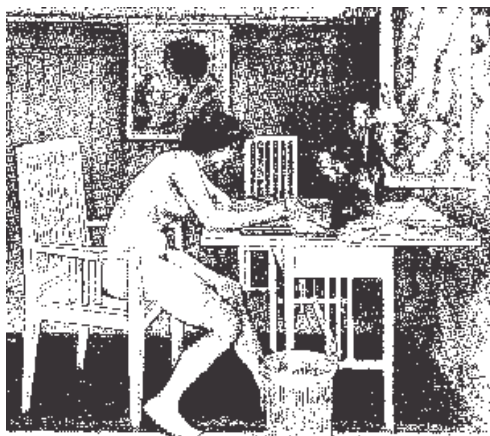
poesia é iminência, não realização.

a modo de correção e/ou acréscimo:
poesia é imanência, portanto, plena realização.

correção da correção anterior.
na verdade é um adendo:
poesia é iminência e imanência
realidade inventada como realidade outra
realidade efetuada contra a realidade onírica

mas isso está ficando confuso
melhor será dizer:
poesia não é nada
mas pode tudo.

Evandro Alves Maciel.:



Poeta Vagamundo

Tenho a maior sede do mundo,
e a mais voraz fome de tudo.
Sou o ávido poeta vagamundo
– como vadio vaga-lume desnudo –
que assombrilha noite adentro.
Embalado como canto de sabiá
– rima por onde me desventuro –
anuncio só o que não se saberá;
E se essa profecia lhe couber,
será trunfo da sua desventura
– essa elucubração qualquer –
que lhe destrunfa a caiadura.

Ismael Calvi Silveira

Para uma Deusa...

Asas de golondrina batiam fatigadas contornando
Mistério das luas negras lapidadas em teu rosto
O vinho que me embebedou corava tuas maçãs
Guardei as garrafas, me importo com isso, sabias?
Ervas, saias, véus, encruzilhadas, perfeita criação
Aqueles lençóis alvos nos observando o tempo todo
Talvez fosse esse o motivo do rubor de tua tez, talvez
A tocha acesa, poder de tua graça em mãos macias
Caminhos de areia fina, Enódia das tempestades
Neste momento Pompeia inteira nos aplaudia, em pé
A vela derretia, sagrado e profano, troada e ventania
Uma serpente azul cintilou na moita de espinheira santa
Carvão, pedra de Anúbis, nossos nomes em dourado
Passo café para Saturno enquanto lembro de teus beijos.

Adágio ensolarado

Decifra-me
ou serei lendária reticência...
No oráculo sideral,
dos astros deuses,
o Sol enamorou-se da Lua.
Divindades.
Criador e criatura.
Astro fonte de luz;
pontes que ligam sonhos,
o peso da cruz...
Iluminada beleza nua.
Entre eles,
a fragilidade de Ícaro.
Descumprindo a profecia;
ignorando previsões...
Ele, solitário, voou.
O ensolarado do amor
crispou-se no firmamento;
asas derretidas, caindo.
Fim de um sonho?
Espantoso tormento...
E a voz indecifrável qu'inda persiste:
'Que sentimento, submetido a extremos,
suportaria a angústia da espera?'

Nijair Araújo Pinto

perfeito improviso
pés encardidos de barro

futebol bonito é o
da piazzada lá do bairro

Juliana Meira



parir partidas

o parto
parte a mulher
em dor e dar

no parto
parte a criança
da mãe
para o mundo

o parto
parte a vida
em mulher e mãe

Renato de Mattos Motta

Um poema...

Um poema por dia
– utopia –

Um poema por tarde
minha pele arde

Um poema por noite
meu corpo em pernoite

Um poeta por perto
mil poros em aberto...

Carmen Silvia Presotto
Vidrágua!

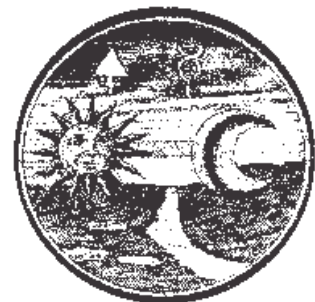
Palestina

a falta de uma bandeira
de um governo ou fronteira
faz com que crianças beijem mísseis
"from Israel with love" insensível
endereçando ódio travestido de amor
a pessoas do outro lado do muro
monumental navalha entre irmãos
palestinos que morrem estatísticas

a presença de uma bandeira
o 48 que a ONU autorizou
sangrenta carta branca ao sionismo
certo aprendiz de Goebbels
cruz gamada de Salomão
nuvem de destroços humanos
maquiagem de defesa – soberania
da supremacia racial do século 21

chovem armas e jornais
telenovelas, comerciais
é preciso lucrar mais
a falta de uma bandeira
de nenhuma maneira
deveria aniquilar vidas.

Felipe Magnus, 07/2014



Faunafagia

Na relva alta deposito um sonho incerto
Que paira como um ignoto orbe
Sob as folhas pontudas que sobem
Ignorando as poucas nuvens do céu aberto

E embora ele talvez se cristalizasse em um verso
Escolhi dispersá-lo em etéreos clarões que fulguram
Desejos e vibrações que, junto ao pólen emulsivo, a relva fecundam
Perfazendo a cerimônia cosmogônica reversa

Da magia alquímica Paracelsiana
Que hoje só doira a palavra transmutada
Quando cortejada com a própria alma ramificada,
E com o nevoento incenso das emoções soberanas

Porém quando as perspectivas clorofílicas das gramíneas
São drenadas pelas abstrações da troca de folhagem
É esperado o tenuíssimo momento de escolher outra paisagem
Fatiada pela ação ativa da imaginação espíreína

É hora de procurar na silhueta vaga das papoulas,
Dos crisântemos, das cicutas e até dos cedros imponentes
A torva realidade que apodrece os olhos impotentes.

Meu canto

Meu canto me deixa,
E, em pranto, se queixa:
-Como é intensa a dor de não sentir,
de não querer, de não tentar, de me esconder.

Ousado e certo,
não muito longe, nem muito perto,
meu canto encanta
de tão liberto.
O canto é tudo,
o pranto é nada.
O canto fica
E a dor acaba.

Fernanda Mellvee



Bruxa X santa

A fome era tanta
que não enxergava
mais nada à frente
nem cortava a carne
só metia os dentes

Mais adiante
no caminho
já num instante
estava tão "sozinho"

Queimou a bruxa
na fogueira
no meio
de tanta asneira

Nem assim
deu-se conta
que aquela outra
não era a santa
que nos dias
de bobeira
fingia
e por Deus
parecia
ser tão
verdadeira

Rubia Proença

Culpa

tecido raro
última moda

corpo coberto
de pano e culpa

mentira e classe
dono da rua

de mais a roupa
de menos o homem

Jorge Ventura



mergulho profundo
carente
entreentes

afloresce
florece

sinuosamente

o abraço

Noely



Perdão mefistofélico

Lembrar-me-ei de ti
Na hora da morte
No último suspiro
O quanto te amei
Foste única
Primeira e última
Quem me ensinou
A ser homem, mulher...
Perdoarei as lâminas verbais
Abortos espirituais
A negação de meu ser.
Peço que me perdoes
A alma ácida
Mutilação de vosso corpo
Abandono de seu ser.
Eu que morto estou
Espero-te no inferno
Para tomarmos chá
A dois.

André Camargo

Soneto do livro-noite

Farei do papel branco azul-marinho,
das negras letras, tipos cintilantes
e, no papel, só deixo um pedacinho
do branco aveludado, como antes,

forjando a lua cheia em compassado
desenho circular na escuridão
de anil enegrecido e, a todo lado,
estrelas a brilhar na imensidão

e cada verso é constelação,
as negras letras são tipos dourados,
as folhas, firmamentos negros são...

e, assim, temos o livro bem montado,
um livro-guia pela escuridão
e cada folha, um céu todo estrelado.

Rodolfo Tokimatsu



Poeminha social

Primeiro perdeu o emprego,
depois a família
e a dignidade.

Por último perdeu a identidade.

Perdido,
sem alguém que o ame,
sem abrigo,
sem rumo a seguir
e sem ânimo para recomeçar,
rendeu-se à desgraça
e hoje vive, em companhia de um cão,
pelas ruas da cidade.

Matusalém Dias de Moura

Versos (ad)versos

rude
rumino versos afiados

imprevidente
sangro a epiderme
das emoções

percorro o escuro
o escuso
a umidade das palavras

pois nem sempre é tarde de sol

sugiro impropérios
blasfemo
polemizo

poesia não é rosa

é choque.

Ricardo Mainieri
<http://www.mainieri.blogspot.com>

Sinfonia das pedras

Todos nós somos
compositores, músicos
maestros
toque de pés
apressados
marcam nos passos
compasso musical
sinfonia das pedras
nas ruas do centro
de Porto Alegre
cidade natal.

Adélia Einsfeldt



O Poema

O primeiro encontro se deu pelos olhos
depois foi se internalizando
Eu nem havia mensurado a paz
e já estavas em mim por inteiro.

Emoção e sedução:
era um agarra-e-solta
Dentro do coração-manteiga
passeava uma faísca fugidia.

Quando, em verdade, te copulava
já estavas despido, úmido de tinta
mesmo sem entendimento
a ideia me fizera grávido
enquanto em teu cerne
o ávido contexto
devolvera-me a inocência.

Assim – noviço – nascera o poema
vestido de signos e palavras
e verte – furtivo – o fetiche
Nascido para todas surpresas
ao se abrir o portal dos dias.

Joaquim Moncks
do livro *O capital das horas*, 2014.



enquanto tu não chega
fico ouvindo as gotas caírem
do lado de fora da janela

fico vendo o sol nascer
fico ouvindo os grilos
conversarem sobre a noite
fico tirando um cochilo demorado
fico cultuando o entardecer no céu

enquanto tu não chega
faço da espera minha reflexão
e de ti, uma visita que não marcou hora

Chrisellen Vieira

Desertos

Veza ou outra, a intervalos incertos,
atravesso desertos em mim.
Abandona-me o impulso.
E até mesmo as palavras
meu último recurso,
em lugar de me expressarem, me calam.

Rumo, então, deliberadamente,
para o domínio das coisas inventadas.
Ou deixo-me contemplar a natureza, indefinidamente,
fartando-me no seu lagar inesgotável de possibilidades.

Angela Fonseca

Inacabado

às três da manhã
corpos arrebetados sonham com o amor
bocas pichadas de garranchos soletram o poema
asas estilhaçadas ensaiam o voo
a sede descansa seu copo num casulo de seda
o lápis repara os desastres da guerra
a mão rompe a inabilidade e costura
[os farrapos da aurora

Jeanine Will



___ Meus desejos ___

Negocio a alma
No recesso
Dos meus credos
E dou-te brincos
Para corromper
Teus medos;

Estaciono o tempo
No encanto
Dos teus olhos
E brinco de vida
No recanto
Dos teus braços.

Dou-te, e gratos,
Meus desejos
Mais libidinosos
E jogo aos ratos
Meus sobejos
Para o sexo dos invejosos.

Wander Porto

Metamorfoses

O homem é um animal
De várias metamorfoses
Principalmente o que vive
Com o torvelinho urbano



Te olho nos olhos
Te invado a alma
Te tiro a roupa
Te roubo a calma

Hoje é um gato de seda
Anteontem lobisomem
Amanhã um nédio porco
Na véspera boi castrado

Entre uma e outra cena
Um gole e uma tragada
Um deslizar de pernas
Um invadir de almas

Neste câmbio de interesses
Qual prenhe calidoscópico
O rosto humano desfoca
Sob máscaras mutáveis

Nas ruas de teu corpo
Me inebriei entre as madrugadas
Fiz delas versos loucos
Poesias depravadas

Cláudio Feldman



Então cola tua boca na minha
Deixa minha alma embalar a sua
Vem, vamos fazer poesia
Andar de pés descalços pela rua

Magaiver Wellington

Lição de poesia

Com o poeta aprendi a delirar os verbos, inverter o sentido das palavras e subverter os pronomes.

Às noites desamanheço e ouço o brilho das estrelas.

Pela manhã, conto os sóis, assunto os vaga-lumes, guardo minhas asas e alço voo sem sair do chão.

Quando desanoiteço, já é meio-dia e tenho fome de árvore. (Tem gente que não sabe o que é fome de árvore!)

Há hora que desassunto e canto canção de ensinar fome. Aí desinvento os astros e choro poemas.

Tu escutas cheiros. Nós enxergamos o murmúrio do mar. Eles cheiram o andar do jabuti. (Como é ligeiro!)

Eu é soma de quem? Tu te vês em mim? Eles, quem somos? Ali é longe?

Eu quero-quero? Tu andorinhas?

Eu não respondo perguntas.

(Meu saber ainda não nasceu.)

Eu escuto o silêncio das respostas.

Cleonice Bourscheid



Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares.
Revisão: Estevão Cogoy (IEL) e Michelle Hernandez (Gente de Palavra);
redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Erivoneide Barros e Paulo Roberto do Carmo

Porto Alegre, agosto de 2014.

APOIO:

